[Recensão a] Marco Polo, Viagens, prefácio de António Osório, tradução de Ana Osório de Castro

Autor(es): Simões, Manuel G.

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42661>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/0870-8584_2_23

Accessed : 26-Apr-2023 14:38:09

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Estudos Italianos em Portugal

Instituto
Italiano
de Cultura
de Lisboa

Nova Série
Nº 2

Marco Polo, *Viagens*, prefácio de António Osório, tradução de Ana Osório de Castro, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, pp. 223.

A história textual desta obra é, como se sabe, plena de vicissitudes. Em 1298, durante a guerra entre Veneza e Génova, Marco Polo comandava uma galera veneziana, vencida pelos genoveses. Foi feito prisioneiro e encerrado no cárcere de Génova. Ali conheceu o literato Rustichello da Pisa, a quem ditou as suas memórias e assim teve origem o livro intitulado *Divisament dou monde*, em prosa franco-italiana (nesse tempo, língua das pessoas cultas), mas bem depressa conhecido com o título *Il Milione* (algunha formada, por aférese, de *Emilione*, nome de um antepassado da família Polo). O livro teve uma enorme difusão e já desde o século XV esteve relacionado com a cultura portuguesa, visto que, segundo a tradição, o Infante D. Pedro – o das Sete Partidas – teria trazido de Veneza, em 1428, uma cópia manuscrita da tradução latina da obra, possivelmente o exemplar que aparece no catálogo da biblioteca do rei D. Duarte, já em

parte traduzida para português pelo próprio D. Pedro. Uma cópia manuscrita da versão latina de *Il Milione*, feita por Frei Francesco Pipino da Bologna, a mais difundida na Europa – a edição impressa só começou a circular a partir de 1485 –, deve estar na base da tradução portuguesa publicada pela oficina de Valentim Fernandes em 1502, com o título *Livro de Marco Paulo*, de que se desconhece o tradutor, embora haja boas razões para supor, como aliás sugeriu Francisco Maria Esteves Pereira, que o impressor tenha utilizado uma cópia da antiga versão portuguesa que figurava na biblioteca real, com versão modernizada de acordo com o uso linguístico dos finais do século XV.

Depois da tradução latina, o livro despertou enorme interesse e dele muitos nobres e príncipes procuraram obter cópias, entre os quais os príncipes de Avis, de que resultaram traduções em catalão, francês, alemão, irlandês, boémio, português e espanhol. Do original franco-italiano existe uma edição crítica organizada por Luigi Foscolo Benedetto (Firenze, 1928) e a este estudioso se deve uma cuidada versão italiana

da obra: *Il libro di Messer Marco Polo cittadino di Venezia detto Milione dove si raccontano le Meraviglie del mondo* (Milano, 1932). Mas a complexa história textual compreende ainda uma tradução toscana, executada nos princípios do século XIV, tradução de que foi publicada a edição crítica, organizada pela conhecida filóloga V. Bertolucci Pizzorusso (Milano, 1975).

Exposta brevemente a variedade de versões (e de edições), seria legítimo esperar que a nova tradução portuguesa, aqui em análise, tornasse explícita a edição que está na origem desta operação, seguindo, desse modo, as mais elementares regras editoriais. A lacuna é tanto mais de estranhar visto que se trata de uma editora prestigiada por uma prática editorial escrupulosa e atenta à informação devida ao leitor. Como no prefácio se faz referência à edição, em italiano, de Maria Bellonci, feita a partir do manuscrito franco-italiano conservado na Biblioteca Nacional de Paris, poderia supor-se que a tradução portuguesa tinha por base essa edição. Tal não acontece, porém, dado que a lição de Maria Bellonci se divide em 234

segmentos narrativos, com uma redacção mais analítica, enquanto à tradução portuguesa correspondem apenas 209, os mesmos da já referida tradução toscana, vulgarização sintética e simplificada feita, como se disse, no início do século XIV (edição crítica de V. Pizzorusso), embora o confronto entre esta edição e a tradução de Ana Osório de Castro revele algumas divergências significativas, como a que se refere ao número de anos vividos por Marco Polo no Oriente: 24 na tradução portuguesa; 26 na ed. Bellonci e na ed. Pizzorusso.

Posta esta questão, que não é de somenos importância, saliente-se o excelente prefácio de António Osório (“Descoberta e maravilhas do mundo”, pp. 7-11) sobretudo na parte que se refere à influência de *Il Milione* no imaginário literário, designadamente pela intertextualidade que o livro estabelece com o romance *Le città invisibili* (1972) de Italo Calvino, por exemplo. E não é menos pertinente o confronto com a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, embora para evidenciar uma mudança de perspectiva ou alteração profunda da vida social chinesa: “Como os costumes mudaram na

Ásia em dois séculos, como são mais desapiedados os homens!” (p.10). No entanto, a leitura de *Peregrinação* parece-me de algum modo redutora porque se é verdade, como já referiu João David Pinto Correia, que os episódios narrados na obra do autor português tendem a relevar o “heroísmo” dos cristãos com a consequente crítica desapiedada dos costumes dos “gentios”, não é menos verdade que, postas em contacto as duas culturas, a concentração bipolar ameaça de preferência a estrutura do “eu” (ou do “nós”) à qual se opõe a palavra desviante e originalíssima do “Outro”. De resto, como salienta Francesco Flora (citado por António Osório), o livro de Marco Polo descreve “os costumes dos povos, o seu carácter, vícios e virtudes...”; e o autor do prefácio, apoiando-se em António Sérgio, não deixa de evidenciar que *Peregrinação* é um livro “de um moralista que põe a nu [...] certos costumes dos Portugueses, criticados directamente ou pela boca dos nossos inimigos” (p. 11).

Quanto à tradução, e não obstante falte o elemento de referência para analisar o seu rigor e metodologia, deve referir-se o

prazer com que se lê o texto português, elegante e fluente, com propriedade e clareza do ponto de vista linguístico. Compulhando, no entanto, as várias versões do texto original, verifica-se a convivência das formas “Grande Cane”, “Gran Cane” ou “Grande Kane” para designar o imperador da China (ou dos Tártaros), pelo que teria preferido a expressão “Grande Kan” (ou “Grão Kan”, em lugar da forma eleita pela tradutora: “Grande Cã”. Aceita-se, todavia, a transposição do termo *messere* como apelativo antes dos nomes próprios (“messer Marco”, “messer Matteo”, “messer Nicolao”) pela forma moderna “senhor” (port. ant. *micer*), embora, quanto a mim, fosse de manter os nomes na língua de partida.

E quanto ao título, na impossibilidade de manter, por motivos óbvios, o mais usado mas intraduzível *Il Milione*, seria de preferir *O Livro de Marco Polo*, retomando até a escolha da primeira tradução portuguesa. Mesmo pensando no critério editorial, como certamente aconteceu, a solução encontrada (Marco Polo, *Viagens*) parece remeter-nos para outro “livro” em que o autor seria o próprio viajante. MANUEL G. SIMÕES